**LEITURA E ESCRITA: A IMPORTÂNCIA DO PROFSSOR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

PAIÃO, Aline Lopes[[1]](#footnote-1)

COSTA, Rosineide de Sousa[[2]](#footnote-2)

**RESUMO:** É indiscutível a importância que a leitura tem para a nossa vida, não apenas particular, mas coletiva, pois ela nos torna conhecedores da nossa própria história e nos faz interagir com o mundo, conhecemos outras culturas e temos uma visão ampliada da realidade e nos tornamos cidadãos críticos e reflexivos. O presente estudo de caráter bibliográfico tem como objetivo principal focar em métodos ou estratégias que podem ser utilizados em sala de aula pelos educadores, visando sempre à formação como uma das alternativas para dar mais ênfase ao papel do professor a fim de desenvolver a leitura e a escrita de forma eficaz, tornando-as prazerosas para os alunos. Sabemos que os alunos não se sentem estimulados nas aulas de Língua Portuguesa (LP) por acharem-na desinteressante, pois são aulas focadas na memorização de regras sobre gramática normativa e leitura de textos que não os atrai pelo contexto. Teremos por base teórica reflexiva os estudiosos Antunes (2003), Barbosa (2007), Freire (1996), Geraldi (1983) e Nóvoa (1954). Esses autores nos ajudaram a discutir as dificuldades da aprendizagem de LP no que se refere a leitura e a escrita dentro do ambiente escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua Portuguesa. Leitura e escrita. Formação de professores. Teoria e prática.

**1 INTRODUÇÃO**

Observando o método como o ensino de Língua Portuguesa (LP) vem sendo instruído, descobrimos diversas dificuldades no que se refere à leitura e escrita, ou seja, o aluno lê os textos, porém não consegue interpretar o que leu, não consegue dizer o seu sentido. Considerando essa situação, o presente artigo tem como objetivo principal identificar quais as dificuldades encontradas no ensino de LP, bem como apresentar estratégias e procedimentos didáticos que ajudem a sanar essa problemática.

Sabemos da dificuldade que os alunos têm em apreender conteúdos de LP e tal problema é refletido no momento da formulação de textos, onde percebemos vários erros ortográficos e a má organização das ideias. Este estudo fundamenta-se em bibliografias científicas em que buscamos compreender como vem sendo praticada a leitura e escrita em sala de aula para que os alunos venham ter um maior aprendizado.

Teremos como referência para nossa pesquisa estudiosos como Antunes (2003), Barbosa (2007), Freire (1996), Geraldi (1997) e Nóvoa (1954). Através das reflexões dos referidos teóricos, poderemos discutir acerca das dificuldades dos alunos em aprender, os motivos pelos quais os alunos não conseguem interpretar com precisão um texto, quais os melhores métodos ou estratégias os professores possam estar abordando em sala de aula para estimular os alunos a transformarem-se em leitores e escritores mais críticos ao que acontece em seu meio. Mostrar também a importância da leitura e escrita no seu cotidiano para uma maior integração na sociedade.

A motivação desse trabalho foi a nossa atual realidade em relação ao ensino de LP nas escolas, o desinteresse dos alunos em aprender, a dificuldade em adquirir o aprendizado da leitura e escrita e a problemática que envolve a formação dos educadores e suas práticas pedagógicas.

Os alunos, de maneira gera, demonstram seu desinteresse em relação às aulas de língua portuguesa porque, quase sempre, são aulas repetitivas em que eles têm que decorar regras gramaticais.

As recentes técnicas de leitura e escrita realizadas em sala de aula pelo professor não respondem à expectativa designada a criar bons leitores e escritores no âmbito escolar. No entanto, os docentes de LP são reconhecidos pelo seu esforço, pois eles têm que estabelecer estratégias que enfatizem a importância da leitura e escrita na vida dos alunos.

Porém os problemas vão além da boa vontade do professor. Eles começam na formação dos profissionais de educação. Os professores têm que ter uma boa formação para que sejam capazes de formar alunos leitores e escritores críticos.

Para obtermos um ensino de LP de qualidade, é necessário que tenhamos políticas públicas voltadas para a formação do professor com o intuito de melhorar o método de ensino nas escolas no qual os alunos se sintam atraídos pela disciplina.

No primeiro tópico, discutiremos acerca das dificuldades que os docentes encontram para repassar o ensino da LP de maneira a estimular a leitura e a escrita dos alunos na sala de aula de forma prazerosa; dos obstáculos encontrados pelos professores para repassar a disciplina de LP de maneira didática em que não a transforme em algo cansativo; e das diversidades de saberes dentro do âmbito escolar e as dificuldades dos alunos em absorver os conteúdos que são exigidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) na rede de ensino.

No segundo tópico, abordaremos como a relação teoria e prática se dará no ambiente escolar. A este aspecto iremos debater os métodos a serem utilizados, onde os professores serão vistos como mediadores do conhecimento e não como detentores do saber, no qual os mesmos podem oferecer mecanismos que facilitem a aprendizagem. Serão abordadas também as técnicas de ensino que estão sendo priorizadas no ambiente escolar que proporcione a prática da leitura e escrita. O grande papel do professor nesse processo de aprendizagem dos alunos.

Por fim, no terceiro tópico, ressaltaremos a suma importância dos professores de se qualificarem para que tenham suporte teórico que irão aprimorar seus conhecimentos de LP na sua prática docente e desenvolvimento profissional de maneira a interferir no ensino e aprendizagem dos alunos de forma positiva e renovada. Abordaremos também neste tópico quais métodos de ensino o professor deve aplicar para tornar os seus alunos bons leitores e escritores e quais os tipos de avaliação estão sendo aplicadas em sala de aula.

**2 Embasamento teórico**

**2.1 Desafios relacionados ao ensino da Língua Portuguesa**

Muito se discute acerca do ensino da LP, particularmente no que se refere à metodologia usada pelo educador. Muitas vezes, a disciplina torna-se chata e cansativa, o que é compreensível, já que crianças e jovens passam muito tempo em jogos online e em redes sociais.

Compreendemos que tais dificuldades acerca da leitura e escrita não serão solucionadas em um piscar de olhos, mas iremos apontar como algumas técnicas e estratégias podem ser postas em prática em sala de aula que aperfeiçoem o ensino da leitura e escrita. Barbosa (2007), ao tratar da dificuldade de aprendizagem, principalmente do ato de aprender, afirma que aprender é uma ação que supõe dificuldade; quando não se sabe, sendo o não saber uma condição necessária para aprender, neste instante, espera-se que as dificuldades apareçam.

O ensino de LP está enfrentando um momento de modificação entre as concepções do ensino tradicional e uma pedagogia renovada no qual o educador busca renovar sua metodologia saindo do formal, em que se ensinam apenas regras gramaticais e indo para o informal em que o professor dá vez e voz aos alunos para manifestar seus pensamentos e ideias.

Sabemos que, no Brasil, a maior parte da população não lê ou lê muito pouco. Essa questão já foi comprovada através de pesquisas. Com base nesse fato, encontramos a dificuldade dos alunos não demonstrarem interesse pelas aulas de LP. Nesse contexto, cabe ao professor utilizar estratégias renovadas, fazer uso das tecnologias como ferramenta favorável como incentivo no desenvolvimento dos seus conteúdos, para que possamos formar alunos leitores e escritores críticos.

Na internet, lemos o tempo todo, mas não necessariamente nos tornamos leitores de livros. Todos os caminhos que levam à leitura podem ser usados positivamente, no entanto, a leitura é um momento específico e vai ficar marcado para sempre na memória de uma pessoa.

Além disso, um dos maiores problemas enfrentados em sala de aula é o nível de aprendizagem dos alunos, em que sempre há uma diversidade de saberes onde o professor poderia pensar em atividades que contemplem essa variedade de conhecimentos, pois todos precisam progredir. O professor deve ter consciência de que “a atividade que promove o conhecimento caracteriza-se por ser significativa, produtiva e desafiadora” (NASPOLINI, 1996, p.13).

Uma formação continuada de qualidade para o professor de LP é de suma importância para a formação de bons leitores e escritores e tem uma interferência significativa no aprendizado do aluno. E apesar dos avanços no campo da educação ela ainda é apontada como um dos maiores problemas por sua dificuldade em implantar métodos de ensinos inovadores e colocar em prática toda a teoria ensinada em sua formação.

A formação continuada é, segundo Nóvoa (1991), Freire (1991) e Mello (1994), saída possível para a melhoria da qualidade do ensino, dentro do contexto educacional contemporâneo. Ela é recente o bastante para não dispor ainda de mais teorias consistentes, provavelmente, ainda em processo. É uma tentativa de resgatar a figura do mestre, tão carente do respeito devido a sua profissão, tão desgastada em nossos dias.

Atualmente, enfrentamos uma problemática que consiste em alunos que não conseguem redigir um texto com coerência e coesão, não conseguem expor os seus pensamentos e os seus pontos de vista sobre assuntos relevantes para a sociedade. Esse problema não está presente apenas nas escolas de nível fundamental ou médio, mas também no nível superior, onde identificamos vários erros de concordância e ortografia.

Portanto,

[...] elaborar um texto é uma tarefa cujo sucesso não se completa, simplesmente, pela codificação das idéias ou das informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da escrita. (ANTUNES, 2003, p. 54).

Será que nossos alunos trazem consigo as dificuldades de escrever textos porque não tiveram a oportunidade de serem trabalhados adequadamente diversos tipos de gêneros textuais desde a sua infância? Desta forma, salientaremos que quem possui práticas de leituras desenvolve um potencial crítico diante do mundo.

Essa deficiência no ato da escrita está diretamente ligada à leitura. Quando lemos, ampliamos o nosso vocabulário, a nossa capacidade de produzir um texto, de falar e de escrever de uma maneira mais formal, pois o ato de ler e escrever são inseparáveis. Não ler como um robô, mas ler e tentar identificar qual o sentido daquele texto.

Para Lajolo (1982, p, 59):

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Quando escrevemos, colocamos os nossos pensamentos no papel. Toda a criatividade flui quando pegamos uma folha em branco e podemos colocar ali tudo que pensamos e a forma como vemos o mundo. Uma folha em branco é uma janela para a imaginação.

Geraldi (1997) salienta sobre a relevância da leitura e produção textual, apontando para “o que dizer”, “para quê” e “para quem dizer”, como base para que estabeleçamos uma comunicação eficaz entre texto/leitor, podendo assim escolher as estratégias pertinentes a esse diálogo. Portanto, mediante uma ação reflexiva é possível transformar o ensino de língua e, consequentemente, os indivíduos falantes desta língua.

O professor deve buscar meios que aumentem o interesse dos seus alunos pela leitura. Deve buscar conhecer melhor os seus alunos e saber quais tipos de leitura mais os agradam. Deve saber o que eles leem fora da sala de aula e trazer tal leitura para dentro da escola.

De acordo com Antunes (2003, p. 70), a leitura completa a escrita, uma favorece a outra:

[...] para escrever bem, é preciso, antes de tudo, ter o que dizer, conhecer o objeto o qual vai discorrer. O grande tempo destinado à procura de dígrafos, dos encontros consonantais, à classificação das funções do QUE e outras questões semelhantes (pobres questões!) poderia ser muito mais aproveitadas com a leitura e análise (diária!) de textos interessantes, ricos em ideias ou imagens, sejam eles literários ou não.

 A escola precisa resgatar o ato da leitura como algo prazeroso e não fazer com que os alunos leiam de forma automática. Mostrar a importância que a leitura tem para transformar a sociedade. O educador deve “recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por principio - o prazer - me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de ‘incentivar a leitura’” (GERALDI, 1983, p. 32).

**2.2 Teoria e prática no cotidiano escolar**

Os professores devem escolher temas atualizados para a leitura em sala de aula que agradem aos seus alunos, que instiguem a sua curiosidade e os deixem motivados em aprender de uma forma prazerosa. Segundo Freire (1996) o professor deve respeitar o educando, considerando seus gostos, conservando sua curiosidade em busca do saber e sua linguagem.

Vários alunos quando estão em casa não são estimulados a praticar a leitura. Então, o professor tem que ser o maior incentivador de seus alunos, pois em um mundo em que a tecnologia prevalece, eles têm que usar meios que aticem a curiosidade de ler e que vejam a leitura como algo que pode mudar a sua própria vida.

Conforme afirma Boff (1998, p. 02), “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta onde os pés pisam. Todo ponto de vista é à vista de um ponto. Para entender o que alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isto faz da leitura sempre uma releitura.” Isso significa dizer que lemos o que vemos, mas interpretamos a leitura a partir do nosso conhecimento de vida e de nossa realidade.

Freire (1994, p. 98) disse que “a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Pessoas que leem se tornam mais informadas e consequentemente o seu repertório ficará enriquecido, aumenta o diálogo com as pessoas. A escola tem que resgatar o ato da leitura como algo prazeroso e não fazer com que os alunos leiam de forma automática. Mostrar a importância que a leitura tem para transformar a sociedade.

Acerca dessa importância da leitura e escrita na escola, Lerner (2002, p. 17, 18) afirma:

O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando resposta para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é o objeto de suas preocupações, buscando argumentos para defender uma posição com a qual estão comprometidos, ou para combater outra que consideram perigosa ou injusta, desejando conhecer outros modos de vida, identificar-se com outros autores e personagens ou se diferenciar deles, viver outras aventuras, inteirar-se de outras histórias, descobrir outras formas de utilizar a linguagem para criar novos sentidos... O necessário é fazer da escola uma comunidade de escritores que produzem seus próprios textos para mostrar suas ideias, para informar sobre fatos que os destinatários necessitam ou devem conhecer, para incitar seus leitores a empreender ações que consideram valiosas, para convencê-los da validade dos pontos de vista ou das propostas que tentam promover, para protestar ou reclamar, para compartilhar com os demais uma bela frase ou um bom escrito, para intrigar ou fazer rir... O necessário é fazer da escola um âmbito onde leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidades que é necessário assumirem.

Compreendemos que, nos tempos atuais, vivemos em um mundo de diversos acontecimentos. Sabemos que muitas mudanças ocorreram também no campo educacional nos últimos tempos. Mesmo assim, encontramos professores que preferem estacionar seus conhecimentos numa metodologia tradicional, quando os mesmos deveriam acompanhar estes avanços e utilizarem como renovação na sua prática pedagógica.

Percebemos que, embora o professor tenha uma qualificação, ele não consegue fazer com que a relação teoria e prática seja eficaz no processo de ensino aprendizagem na vida escolar dos educandos. Nesse ponto de vista, o educador precisa refletir sobre quais métodos ele deve se apropriar no sentido de formar leitores e escritores críticos e reflexivos.

Pimenta (2002, p. 22) discute que

o ensino como prática reflexiva tem se estabelecido como uma tendência significativa nas pesquisas em educação, apontando para a valorização dos processos de produção do saber docente a partir da prática e situando a pesquisa como um instrumento de formação de professores em que o ensino é tomado como ponto de partida e de chegada a pesquisa.

O professor tem que reconhecer o seu papel na sociedade, pois é um passo essencial para que possa desenvolver bem o seu trabalho. É preciso que ele olhe para a realidade onde está inserido, enxergue essa vivência e entenda a dinâmica de onde ele está incluído. Qual é seu aluno? De onde ele vem? Qual a sua realidade? Porque a partir desse momento teremos um conceito dessa criança ou jovem como um ser que não é isolado e vem para um mundo completamente diferente que é a escola.

Logo, Freire (1994) relata que o educador precisa partir do seu conhecimento de vida e do conhecimento de vida do educando, sem que o educador falhe.

O professor deve ter a sensibilidade de um olhar atento como um pesquisador reflexivo, onde busque conhecer a vivência do seu aluno. A partir dessa realidade, ele deve conduzir sua prática pedagógica de maneira a conseguir interagir com o aluno.

De acordo com Antunes (2003, p. 23), “A ajuda fornecida pelo professor necessita estar intimamente associada aos esquemas de conhecimentos que os alunos possuem, posto que são esses, como vimos, que irão permitir atribuir significados aos novos saberes que recebem”.

Nesse sentido, o professor deverá utilizar práticas de ensino em sala de aula para que aumente o interesse dos alunos em praticar a leitura e escrita de forma adequada com o intuito de formar cidadãos leitores e escritores. Mostrar ao aluno as vantagens da leitura (estimula a criatividade, facilita a escrita, melhora o diálogo) pois ele terá seu repertório ampliado e além de ajudar na sua vida profissional.

Todavia, o professor de LP é de extrema importância na vida do educando, pois ele não é aquele que apenas repassa os conteúdos de forma mecânica, mas sim, o facilitador de conhecimento, buscando sempre ensinar seus alunos para a vida em sociedade.

Para Antunes (2003, p.13):

[...] não existem e não podem existir escolas sem professores, assim como não pode existir aprendizagem escolar significativa sem ajuda. Resta agora mensurar qual seria o tamanho dessa ajuda e onde ela precisa começar e terminar para que, ao contrário de ajudar ela não acabe complicando ainda mais a aprendizagem do educando.

.

O prazer pela leitura e o hábito de ler são estágios importantes para a formação de novos leitores e também escritores. Quanto mais praticamos o ato de ler maior é o interesse pela leitura e escrita e não importa se são livros digitais ou impressos. Cabe ao professor estimular essa prática, pois quando o aluno cria a prática da leitura o aluno torna-se dono da sua própria história, conhecedor de sua cultura e outras.

Questionamos os métodos avaliativos que estão sendo implantados nas escolas. Será que estão realmente sendo favoráveis ou prejudiciais aos alunos? Devemos deixar de lado essa ideia de que a avaliação é apenas um meio do aluno pontuar através do que ele aprendeu.

Tendo isso como base, quais técnicas ou estratégias de avaliação o professor está utilizando em sala de aula? O professor precisa olhar para a avaliação como forma de identificar quais os pontos fracos dos alunos, em que temática os alunos estão com uma maior dificuldade em aprender e como ele pode melhorar a sua maneira de ensinar para que o aluno venha a compreender melhor o assunto em que encontra essa dificuldade.

**2.3 A importância da formação continuada de qualidade para os professores**

 O que é formação? Essa questão será respondida a partir de dois conceitos. O primeiro é de Batista (*apud* FAZENDA, 2001) que afirma que a formação implica “[...] reconhecimento das trajetórias próprias dos homens e mulheres, bem como exige a contextualização histórica dessas trajetórias, assumindo a provisoriedade de propostos de formação de determinada sociedade”. Aponta que a formação proporciona uma forma, sem modelá-la. Assim, é “[...] algo inacabado, com lacunas, mas profundamente comprometido com a maneira de olhar, explicar e intervir no mundo”.

Já Donato (*apud* FAZENDA, 2001), por meio de uma hermenêutica do termo, apresenta “formação como ação de formar” - do latim *formare* - que como verbo intransitivo significa “dar forma” e, como verbo pronominal, corresponde a ir desenvolvendo uma pessoa. Destaca, ainda, concepções de formação docente vinculadas a enfoques reprodutivistas, construtivistas, sociais-críticos e outros.

Sabemos que, ao falar em educação, pressupõe pensar na formação do professor como uma das alternativas para solucionar a problemática no sistema educacional do nosso país, para isso faz-se necessário entendermos a formação do professor como um processo importante para seu desenvolvimento profissional para obtermos uma educação de qualidade.

Nesse contexto, o educador Freire (1996) já se referiu à formação como um fazer permanente que se refaz constantemente na ação. Portanto, a formação é de suma importância para que esta transformação aconteça no ambiente escolar na relação professor/aluno.

Garcia (1999) contribui para essa reflexão ao enfocar que a formação pode adotar diferentes aspectos, de acordo com o sentido que se atribui ao objeto da formação ou concepção que se tem o sujeito. Para esse autor, a formação pode ser compreendida a partir de três aspectos: como função social de transmissão de saberes, de saber-fazer ou de saber-ser, que se refere, respectivamente, aos conceitos, aos procedimentos e às atitudes.

Além disso, reforçamos a ideia de que o professor pode designar seu conhecimento teórico para dar maior ênfase ao seu desenvolvimento profissional no campo educacional viabilizando sempre sua auto-formação.

Muito tem se questionado a respeito da formação de professores no âmbito educacional. Será que as instituições estão realmente focadas sobre o que se ensina? E para que se ensina? Será que o acadêmico está sendo verdadeiramente preparado para suprir todas as suas dificuldades no ambiente escolar? E possa vivenciar no contexto teoria e pratica para que seja capaz de dar conta das exigências do dia-a-dia dentro da sala de aula?

Nessa perspectiva, a formação associa-se a um processo de melhoria das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores em sua rotina escolar onde os mesmos apropriam-se de conhecimentos teóricos, mas se deparam com outra realidade e sentem dificuldade de aplicar na prática todos os seus saberes teóricos.

Vivemos em um tempo de transformações com o surgimento de novas tecnologias avançadas. Ao nos depararmos com esse mundo cheio de mudanças, sentimos a necessidade de nos inserirmos nele, principalmente, como profissionais no campo educacional, pois sabemos que nossos alunos fazem parte dessa inovação.

Diante dessa situação, surge a necessidade de o professor estar sempre em transformação, em busca de novos saberes, aperfeiçoando-se através de novas formações para que seja capaz de se adaptar a essas novas tecnologias.

Conforme Kenski (2007, p. 18), para a educação é um duplo desafio, pois, além de adaptar-se aos avanços das tecnologias, também é preciso “orientar o caminho de todos para o domínio e a apropriação crítica desses novos meios”. Ainda para a citada autora, as tecnologias podem gerar oportunidades “de comunicação e interação entre professores e alunos, todos exercendo papéis ativos e colaborativos na atividade didática” (KENSKI, 2003, p. 66).

Segundo Behrens (2003), na utilização do computador como recurso pedagógico, a questão fundamental é como este instrumento é compreendido pelos professores e aproveitado pelos alunos. Portanto, a inserção do computador, no meio educacional, deve vir acompanhada de proposta metodológica que favoreça a construção, o exercício de reflexão e a busca ativa e compartilhada de saberes.

Com base nesse contexto, podemos debater: Será que nós, educadores, estamos realmente preparados para administrarmos essas novas tecnologias no ambiente escolar? Pensamos que ela se faça uma ferramenta que facilite a aprendizagem dos nossos alunos por ser um meio mais atrativo, por fazer parte do cotidiano do educando seja dentro da escola ou fora dela.

 Menezes (2010) enfatiza que há razões para os professores utilizarem as novas tecnologias visto que seus alunos já fazem ou farão uso delas. É provável que muitos de seus alunos segurem o lápis com menos desenvoltura do que manuseiam um mouse, ou seja, os alunos estão mais aptos a utilizarem computadores como meio de entretenimento do que praticarem a escrita.

Segundo Nóvoa (1954, p. 12):

A formação de professores pode desempenhar um papel importante na configuração de uma "nova" profissionalidade docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional no seio do professorado e de uma cultura organizacional no seio das escolas.

Entendemos que o professor adentra no início de um curso de graduação com o objetivo de se qualificar, onde irá obter novos conhecimentos que são de suma importância para o seu desenvolvimento como profissional no qual colocará em prática no campo educacional. Nessa direção, Tarfid (2002, p. 39) aponta que o

[...] professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos.

 O educador, enquanto acadêmico de universidade, não vivencia a realidade de uma sala de aula. A sua formação é baseada em teorias e pouca prática. O que é algo ruim para o professor como aluno, pois para que uma formação continuada seja feita com qualidade não podemos nos basear apenas em teorias, mas também na prática onde o professor vivenciará a sua experiência como professor.

**3 Considerações finais**

Podemos concluir que o estudo de LP nas escolas, seus métodos de ensino e práticas pedagógicas é algo que ainda deve ser muito estudado e debatido, pois não se finda apenas com um simples discurso. Não é apenas dissertar sobre métodos e fórmulas milagrosas que vão mudar a maneira de pensar e agir dos educadores.

Todavia, tudo se resume em colocar em prática estratégias que vão potencializar a forma como o professor ministrará a sua aula de maneira que deixe os alunos curiosos para aprender e despertar o interesse dos mesmos pela leitura e escrita. Além disso, o aluno não é estimulado a ler no seu âmbito familiar. Isso faz com que ele não tenha esse costume pelo ato de ler consolidado em sua vida. Entretanto, as crianças que crescem em um ambiente onde a prática de leitura é algo habitual, consequentemente, crescerão desenvolvendo esse hábito pela leitura. Contudo, não é corriqueiro encontrarmos pessoas que adquiriram o prazer pela leitura por estarem inseridas em um meio onde esta prática pela leitura e escrita estava sempre presente. Decerto, precisaram de estímulos externos ou até mesmo adquiriram esse costume de ler. Como consequência da leitura, escrevem bem.

Tomando o exposto como base, um exemplo é o próprio educador que, muitas vezes, não gosta de ler, mas a sua função como professor faz com que ele seja obrigado a ler para uma melhor produção de suas atividades e, ao longo do tempo, pode vir a adquirir o gosto pela leitura. O professor deve ser o grande estimulador dos seus alunos para que venham a ser bons leitores e escritores, procurando oferecer um ambiente letrado. O professor é o facilitador do processo de ensino e aprendizagem. Ele não deve simplesmente pegar um plano de aula e aplicá-lo como algo terminado e completo, mas antes procurar identificar seu aluno, a sua história, o que ele já traz de conhecimento em sua bagagem.

 A leitura é algo que deve ser estimulada desde a infância, assim, as crianças irão crescer com o hábito da leitura, serão adultos mais críticos, com um repertório mais rico, com um olhar diferente para as coisas que acontecem ao seu redor. O estímulo pela leitura, muitas vezes, é barrado pela forma com que a escola impõe o ato de ler como uma tarefa chata e nem um pouco prazerosa, apenas leem para um fim específico e de forma forçada. Os professores devem analisar quais os tipos de leitura que mais agradam os alunos, colocando esses tipos de leitura no cotidiano escolar para depois ir evoluindo e inserindo livros de autores canônicos.

Além disso, os professores têm que estar preparados para lidar com um mundo tecnológico, onde os livros impressos não são mais atrativos. Assim, os professores têm essa função importante que é a de incitar a curiosidade dos alunos em lerem, mostrar o quão é importante a leitura para o nosso dia a dia e nas relações com as pessoas.

Por isso, faz-se necessário uma melhor formação continuada para os nossos docentes, onde eles possam renovar suas metodologias com intuito de aprimorar a aprendizagem nas escolas, buscando sempre embasamentos teóricos como uma prática reflexiva.

Portanto, o professor tem que acreditar na educação como ação modificadora e também acreditar no seu potencial como educador e no potencial de seus alunos, porque não há uma fórmula mágica de como se trabalhar, o que existe é um olhar diferenciado e a credibilidade de que, enquanto cidadão, é mediador e lapidador de seus alunos.

Desta maneira, as questões relacionadas ao tema em discussão aqui apresentadas estão longe de exaurir-se por ser um conteúdo muito abrangente e ainda estarem muito presentes no nosso sistema educacional. Esse trabalho é uma modesta contribuição em torno do tema discutido.

**4** **Referências**

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura.** São Paulo: Cortez, 2007.

NASPOLINI, Ana Tereza. **Didática de português**: tijolo por tijolo: leitura e produção escrita. São Paulo: FTD, 1996.

LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola**: o real, o possível e o imaginário. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GERALDI. João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

 BOFF, Leonardo. **A águia e galinha**. Petrópolis: Vozes, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**A importância do ato de** **ler**. São Paulo: Cortez, 1994.

ANTUNES, Irandé**. Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

GERALDI, João Wanderley. **Práticas da Leitura de Textos na Escola**. RevistaLeitura: Teoria e Prática, ano 3, nº 3, p. 25-33, Rio Grande do Sul, 1984.

LAJOLO, Marisa. **Leitura em crise na escola.** São Paulo: Mercado Aberto, 1982.

PIMENTA, Selma Garrido, GHEDIN Evandro. (2002). **Professor Reflexivo no Brasil** - Gênese e Crítica de um Conceito. São Paulo: Cortez.

ANTUNES, Celso**. Vygotsky,** **quem diria?!:** em minha sala de aula. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FAZENDA, Ivani (org). **Dicionário em Construção** – Interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.

NÓVOA, Antonio *et al* (Org.)**. Relação Escola Sociedade**:   Novas   respostas   para   um   velho problema.   Formação de professores. Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores. UNESP: Águas de São Pedro, 1994.

SOLAREVICZ, Maíra Maria Prohmann de Lima. **A importância da formação continuada no caso do magistério paranaense,** artigo científico, <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2337-6>

ANTUNES, Irandé. **Aula de português.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Perrenoud, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional** 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MENEZES, Luis Carlos. Ensinar com a ajuda da tecnologia. **Revista Nova Escola.** n. 235, p.122, set. 2010.

BENHRENS, M.A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. *In*: J.M. Moran; M.T. Masetto e M.A. Behrens (Eds.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 7. ed. Campinas: Papirus, 2003.

GARCIA, C. M**.** A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. *In*: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e sua formação**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

1. Aluna do Curso de Língua Portuguesa (Primeira Licenciatura) do Programa Nacional de Formação de Professores - PARFOR/UVA.

alinelopes36@yahoo.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Aluna do Curso de Língua Portuguesa (Primeira Licenciatura) do Programa Nacional de Formação de Professores - PARFOR/UVA.

r.sousa02@outlook.com [↑](#footnote-ref-2)